

Para abrir a primeira edição da Revista Ensaio, convidamos para uma entrevista a Professora Laura Graziela Gomes, que vem investigando o *Second Life* – um misto de jogo e simulador da realidade – como campo de pesquisa na área da antropologia. Laura Graziela Gomes é Professora Associada da Universidade Federal Fluminense e atua na área de antropologia do consumo e mídia.

Nesta entrevista, ela ressalta a importância da internet como ferramenta e como locus de pesquisa nas Ciências Humanas, apontando para alguns limites da interação com essa estância virtual que ainda hoje são latentes no meio acadêmico.

Sejamos breves nessa apresentação, deixemos a palavra com ela.

**Revista Ensaio** – A rede mundial de computadores vem se tornando um instrumento de pesquisa acadêmica indispensável. Na última década, percebemos o aparecimento de vários sites que disponibilizam artigos acadêmicos e materiais de pesquisas em diversas áreas das Ciências Sociais, tanto aqueles com apoio institucional como sites informais. Que influências esse novo meio de informação pode trazer para a prática científica?

**Laura Graziela** – Muitas mudanças importantes já ocorreram e continuarão a acontecer por causa da internet. Uma delas é que nos diz respeito mais diretamente é quanto à própria forma de conhecer, pois mudou a relação com o conhecimento e tudo o que diz respeito aos modos de produzi-lo, armazená-lo e de promover a sua circulação.

**R.E.** - Mesmo diante de muita resistência, a internet tem se apresentado como um locus fecundo para pesquisas. As atuais metodologias dão conta desse novo campo de pesquisas? Há alguma perspectiva de mudança metodológica?

**Laura Graziela** – De forma alguma as metodologias tradicionais dão conta desta nova forma de mediação e um desafio importante para a antropologia e as ciências sociais e humanas em geral será justamente o de repensar suas práticas neste novo contexto. Uma das coisas fundamentais que a internet exige daqueles que pretendem estudá-la – isto é, fazer dela o seu campo empírico de observação ou mesmo objeto de pesquisa – é uma relação bem maior de simetria, sem o que a relação de pesquisa torna-se praticamente impossível. Isto quer dizer que questões como a “autoridade etnográfica” e as relações de confiança precisam ser mais negociadas na internet, pois a

política do significado nela é mais intensa e explícita, não é um atributo ou privilégio apenas de intelectuais, ao contrário. Eles podem simplesmente sucumbir se forem negligentes em relação às etiquetas e protocolos e, sobretudo, se não despendem algum tempo para aprender a lidar minimamente com as questões propriamente técnicas e operacionais da rede.

**R.E.** – A profusão de materiais na internet acarreta transformações na escrita dos alunos na graduação?

**Laura Graziela** – Sim. Aliás, uma das mudanças mais visíveis na relação com o conhecimento que a internet vem promovendo é a nossa relação com a escrita e com o audiovisual. Nossa leitura mudou, da mesma forma que a nossa escrita e também a nossa forma de ver, olhar e escutar. Nossos sentidos da visão e da audição estão sendo hiperdimensionados e reconfigurados e isso afeta toda a nossa mente, sensibilidade, em suma, toda nossa atenção. Enfim, tudo aquilo que tradicionalmente chamávamos de EU ou de SI, em termos cognitivos, já se encontra mobilizado de modo bem distinto por causa desta nova tecnologia. Pesquisas têm sido feitas com crianças e adolescentes que já nasceram com a internet, foram expostas a ela desde cedo e foram socializados nela e através dela. São pessoas bem diferentes da gente em muitos aspectos cognitivos importantes, elas são realmente mais “inteligentes” do que nós, sem dúvida. Evidentemente, isso não significa que elas não estão tendo algum tipo de “perda” em outras direções, ou pagando um custo por este *upgrade* em suas mentes. De toda a forma, esta é certamente uma discussão interessante e um tema a ser explorado pela antropologia e as demais ciências humanas. Há uma mudança radical em nossa relação com o mundo, com a própria materialidade deste mundo, inclusive. Se a nanotecnologia já é um fato em nossas vidas, a nanocultura, idem. Como disse Feynman, considerado o “pai da nanotecnologia”, “há muito lugar no fundo”, mas isso não quer dizer apenas a possibilidade de novos rearranjos da matéria, das moléculas que a constituem. Isso tem uma profunda implicação simbólica que vai incidir sobre os fenômenos culturais e vice-versa. De certa forma, a internet vem nos preparando para este “mundo pequeno” que nos aguarda mais à frente como uma realidade mais cotidiana.

**R.E.** – Fale-nos um pouco de sua pesquisa. Como ela vem sendo recebida na academia, principalmente no campo das Ciências Sociais? A Sra. acha que existe uma tendência em considerar a internet como objeto de "segunda categoria"?

**Laura Graziela** – Sim. Acho que, pelo menos no Brasil, existe uma hierarquia bastante grande em relação aos objetos de estudo na antropologia. Há os objetos nobres e aristocráticos e há os objetos considerados menos nobres. Nos últimos anos, os estudos envolvendo a técnica e a tecnologia têm obtido uma respeitabilidade maior, diferentemente dos estudos de consumo, por exemplo. É interessante isso porque as duas coisas estão relacionadas, mas a gente observa claramente que quando mencionamos as categorias “consumo” e “tecnologia”, a última tem mais ressonância entre os antropólogos. Mas, mesmo assim, dada a importância que a internet vem assumindo em nossas vidas, demonstramos ainda pouco interesse por ela como campo de pesquisa e de reflexão. Se a mídia tradicional é ainda pouco estudada pelos antropólogos, imagine a internet! O que não significa dizer que os antropólogos não usem a rede! Aliás, este é outro problema interessante, pois estamos usando a rede cada vez mais e bastante, tanto para nos comunicarmos, estabelecermos relações no campo da antropologia, quanto para depositar nela nossos acervos e dados de campo. Mas não estamos pensando muito sobre o que tudo isso quer dizer e como vai mudar o nosso trabalho e o nosso olhar sobre os temas com os quais trabalhamos.

No caso de minha pesquisa, eu diria que ela representa um passo adiante no estudo da/na internet porque estamos falando de uma fronteira nova da própria internet, de um “lugar” que se não é exatamente “real”, mas também não é “virtual” do ponto de vista das acepções usuais do termo, pois ela exige um tipo de relação ou interação completamente distinta daquela virtualidade promovida pela internet 2D. O *Second Life* não é exatamente um jogo, como muitos pensam, mas também não é exatamente um simulador da realidade. Enfim, é um programa que contém particularidades que nos antecipam bastante sobre o próprio futuro da rede, inclusive expondo claramente alguns impasses relativos à chamada “nova economia”, bem como das novas relações geopolíticas, sociais e culturais desta globalidade virtual em que já vivemos e passaremos a viver cada vez mais. Agora mesmo estou trabalhando com o conflito em torno da presença brasileira no SL, o que significa e envolve, pois temos várias formas de acusações, preconceitos etc. É um tema candente, sem dúvida.

**R.E.** – A Sra. considera que a internet – mesmo em um país como o nosso, em que poucos possuem acesso – pode suprir a carência de informação que a má distribuição de livros que até hoje faz sentir?

**Laura Graziela** – Em primeiro lugar, a má circulação do livro no Brasil não é um problema de carência, ou seja, econômico ou de recursos. Se eu tinha dúvidas disso antes, depois que fui Diretora da EdUFF, tive certeza. Trata-se de um problema cultural e político e sua solução depende muito mais de vontade política do que de recursos propriamente ditos. Existe muito livro no Brasil e nós publicamos bastante, podem acreditar nisso. É claro que um país com o nosso tamanho, o quantitativo de hoje poderia ser multiplicado várias vezes, mas não é por falta de livros que estamos mal. A disposição e a relação entre o número de Editoras e o de Livrarias ou pontos de venda é que é inadequada, pois há quase mais Editoras do que Livrarias no Brasil e, mais ainda, elas estão concentradas em determinadas regiões/cidades apenas. Vejam o caso de uma cidade como Niterói, que tem uma população expressiva, inclusive de camadas médias e tem uma Universidade importante como a UFF. Quantas livrarias a cidade possui? E, se ela não possui livrarias, não há como se frequentá-las na cidade; então, isso se reflete também na própria cultura urbana em que vivemos. No que se refere à internet, acho que ela já está suprimindo não apenas o acesso a livros e textos – sem dúvida, ela efetivamente já compete e começa a substituir o impresso –, mas também é ela que tem contribuído para melhorar o panorama da circulação do próprio livro no Brasil. Lembro que comprar livros pela internet se tornou uma das primeiras formas de comércio na rede.

**R.E.** – Qual importância da criação de revistas eletrônicas, como a Revista Ensaios?

**Laura Graziela** – Como respondi acima, as publicações eletrônicas possuem uma importância enorme e, eu diria, uma importância estratégica em termos políticos e interculturais. Vocês estão realmente fazendo o que deve ser feito, tendo em vista os recursos e os custos que a internet disponibiliza. Exatamente, temos de fazer circular mais textos e contribuir para uma maior visibilidade da produção acadêmica feita no Brasil e que sempre ficou relegada a um plano secundário porque o impresso é mais difícil para se publicar, mais caro e ainda oferece o problema da circulação e de acesso

para o leitor final. No nosso caso, digo de maneira geral, a internet será uma importante aliada para dar visibilidade e transparência ao que se faz de bom nas universidades brasileiras. Vocês estão de parabéns e têm muito a nos ensinar com a experiência de vocês.

Muito obrigada pelo convite ao seminário e pela entrevista.

Abraços,

**Laura Graziela Gomes**